

MANUEL TAVARES TELES

NOTA BIOGRÁFICA

PEDRO MARTA SANTOS*

* Sobrinho do autor.

Nascido no improbabíllissimo ano de 1948, antes de as alterações climáticas enxofrarem a Invicta de calores, caminha pelo Porto desde os anos 60 à sombra de um particular gigante, Camilo Castelo Branco, ao lado do qual os muito lá de casa Herculano, Diniz ou Ortigão são sombrinhas de abrigo do estio. No Alto Douro aprendeu o rigor, a casualidade e a ternura. Na Baixa, pela Constituição, em Contumil, alheio aos rumores vagamente modernistas e aos néctares dos escanções contemporâneos (a não ser que estes chegassem sob a forma das cobiadas de Hawks e Ford, das flores-revólver dos Beatles ou das brisas marítimas de Brel e Ferré), dedicou-se à arte do dedilhamento de papel impresso amarelado pelos anos, nos modestos templos onde senhores cinzentos, com almas por vezes a cores, pagavam tributos aos semideuses da palavra escrita (foi a única tença religiosa que se dispôs a pagar).

Investigador, mas acima de tudo um curioso, era capaz de recitar três séculos da genealogia e três anos da obra do profeta de Seide. Mas jamais o fez, por mero pudor. Apesar dos passeios fortuitos e da garimpagem historiográfica, dedicou-se sobretudo ao amor: aos seus — filhos, pais, mulheres, tias, sobrinhas e amigos, numa intensidade infantil que por vezes comovia os alvos do afecto — e aos de Gertrudes da Costa Lobo e Ana Plácido; mas sobretudo ao encanto de todos os que respiravam o Pinhão, sob a ramada de apetites durienses. Apaixonado pelos detalhes sem importância e alheio às verdades redondas do mundo, contemplava sempre com incrédula admiração o que estava prestes a comer, e sabia. Sabia que o tempo lhe dava à justa espaço para escrever, desenhar, traduzir, programar ou vasculhar, e não procurou fazer muito mais do que isso. Seria pretensioso se o fizesse, pois abominava aquelas frivolidades que são, por natureza, desprovidas de inocência ou de temperança. Na sua morte, o Grémio Literário Vila-Realense assinalou que «muito ainda dele era esperado». É o soldado desconhecido de Camilo. Até hoje, deseja-se.